

A «SETTA»

Hontem «Lagrima», hoje «Setta»; ainda ha pouco symptomta de dôr, agora instrumento de combate. E' justo. A lagrima é uma perola cahida d'uns olhos negros como a noite, sempre humidos e languidamente voluptuosos, uma gotta distillada por olhos côr de ceu, d'uma serenidade meiga e encantadora. Na lagrima encontram-se e quebram-se as violencias, desfazem-se energias e vergam-se vontades.

Pessoa alguma que amou sinceramente pôde resistir ás lagrimas da mulher amada. Perante esse tonue rocio, fundem-se gelos, que se transformam em dozes e suaves élos d'amor.

É, pois, a lagrima um symptomta de dôr de quem s verte, é uma cadeia invencivel e indissolúvel que liga a pessoa que a derrama, a quem as origina!

D'uma envergadura d'athleta nas luctas do amor, torna-se extremamente fragil na luctas espinhosisimas da imprensa.

Ao contrario, a setta, fere rapida e seguramente, e é tanto mais energica quanto maior for a sua força inicial.

É a «Lagrima», transformada em «Setta», ao começar o seu quarto anno será forte alliando a força com a urbanidade.

Não será a setta hervada que fere e aniquila as partes robustas e sãs do organismo social, mas a setta leal que retalha e escarpelise os orgãos viciados e purulentos, para serem substituidos por outros em que haja viabilidade.

Assim, a «Setta», será o cauterio das chagas cancerosas da sociedade barcellense, eliminando a dôr com a anasthesia da delicadeza.

Alguns filhos de Barcellos que estão fóra da comarca:

Conselheiro José Novaes, governador civil do Porto; general Fernando de Magalhães, governador de Moçambique; bispo de Hyméria D. Antonio Barroso, prelado da mesma provincia; general Queiroz, commandante das guardas municipaes; Jayme Seguiet, contista moderno, consul em Bordous; Miguel Angelo, maestro, auctor da opera «Eurico»; dr. Francisco Novaes, cirurgião ajudante do exercito, e dr. Souza Christino, cirurgião-mór; dr. Antonio Augusto Azevedo Villaga, administrador em Lisboa; Francisco Arriscado, commissario da policia do Porto; Francisco Perfeito

de Magalhães, engenheiro e chefe da repartição das Obras Publicas; dr. Antonio Julio de Miranda, conego, professor no Lyceu de Guimarães; Antonio Candido da Cunha, professor de pintura no Porto; major d'estaço maior Evaristo do Val Souto, bacharel de mathematica, em serviço na arma de engenharia; dr. Joaquim A. Silva, administrador em Fafe; dr. Antonio Correia Simões, conego da Sé de Braga e professor no Lyceu; dr. Manuel Paes, director da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes; Manoel Pinto Rosa, professor de latin no Lyceu de Vianna, Antonio d'A. Couto d'Amorim Novaes, empregado na 4.ª circumscripção, hydraulica; visconde d'Oliveira, Manuel Maria da Costa Leite, director da escola medica do Porto; Joaquim Lopes Vieira de Castro, escripturario na policia do Porto; dr. José Maria de Figueiredo, delegado em Vieira; Domingos Vieira de Castro, alferes do exercito; Antonio Martinho Fiuzza da Silva, escrivão de direito na Povoia de Varzim e redactor da «Estrella Povoense»; José M. Candido d'Azevedo, esrivão na Villa da Feira, Antonio Mello, idem em Famalicão, e Antonio Esteves, idem; Bento de Faria Simões, solicitador em Famalicão; padre Antonio Martins de Faria, abbade de Beiriz, Povoia de Varzim; padre Antonio José Gonçalves Balha, abbade de Vermoim, Famalicão; padre Manuel Maria de Miranda, vice-reitor no Seminario de Meliapor, India Portugueza; Luiz dos Santos Terroso, solicitador em Famalicão; padre José Antonio de Carvalho, abbade em S. Cosme do Valle, Famalicão; Luiz Antonio de Souza Vianna, tenente coronel d'estado maior de engenharia, addido á commissão dos trabalhos geodesicos em Lisboa; José Martins de Faria, contador e distribuidor na Povoia de Varzim; visconde do Castello, lente no Lyceu e Seminario diocesano de Braga; Joaquim Leite Pereira de Carvalho, provedor da Misericordia de Amarante; José Ferreira do Valle, ex presidente da Camara Municipal da Povoia de Varzim agente do Banco de Portugal, e d'outros estabelecimentos de credito n'aquella villa; Lourenço da Cunha Velho Sotto Maior, vereador da camara Municipal, de Braga; Manuel de Mattos de Faria Barbosa, conductor nas Obras Publicas; Antonio Augusto Pereira, empregado nas Obras Publicas, em Braga; dr. Manuel José d'Oliveira Guimarães, abbade de Maximinos e deputado por Braga e Famalicão; padre Domingos da Fonseca Martins, abbade de Villaga, Braga; dr. (?) Mariz, abbade da Victoria no Porto; dr. Joaquim Domingues Mariz, professor no

curso theologico no Seminario de Braga; Antonio Pereira de Carvalho, escrivão de Fazenda em Pesqueira; dr. Joaquim Duarte Paulino do Valle, juiz das execuções fiscaes em Villa Verde; visconde d'Azevedo Ferreira; Manuel Maria da Costa Ferreira, solicitador no Porto. (Continua)

MAGUÁ ETERNA

Descamba no horisonte o sol... Formosas
Nuvens o cercam purpuras, emquanto
A passurada trina alegre canto
Em meio das florestas rumorosas.

As estrellas do céu esplendorosas
Começam de fulgir; e no entretanto
A noite estende vagarosa o manto
Constellado de perolas custosas.

A lua surge em plenilunio rubro,
Como accessa fornalha comburente,
Batida pelo sol do mez de Outubro.

Tudo canta e sorri o fulge e sente...
Eu, só sinto este amor que ao mundo encubro,
Dilacerar-me o peito eternamente.

Inedito, de FERNANDO DE SÁ VIANNA.

A nossa individualidade *jornalística* é tão conhecida, no globo, que o jornal «L'Intransigeant», lançado em Paris com esta direcção; «Mme Auguste Casaux. Valença de Minho. Portugal», chegou-nos á mão.

Aquella «madame» precedendo o Auguste é que nos põe em duvida se seremos nós. Faz-nos dar um passo á rectaguarda, de desconfiança...
«Será talvez alguma nossa prima que tenhamos em Valença?»

Se tal succedesse, e ella fosse bonita, então davamos um passo em frente...

Deus disse: «fiat lux» e «lux facta est»; tambem um ente, conhecido por nós todos, disse—faça-se o mysterio, e o mysterio fez-se.

Porém, como não ha nada no mundo que se não saiba, porque um acaso revelador e indiscreto vigia descobre tudo, um raio de luz esclareceu a penumbra, uma «Setta» atrevida perfurou o segredo.

De facto, é singularmente desagradavel, que, no principio do quarto periodo d'um jornalsinho, que subtilmente curioso no seu fim, ridicularizando tudo, todos, na apparencia de *sans façons*, discretamente amuveada por um véu de delicadeza, se trate de coisas mais ou menos sérias.

Mas, o trilho da gurgalhada continua, tambem cança. Hi alguma coisa de horrivel que é preciso castigar; dramas tristemente desempunhados em aguda dor, nas mamorras do silencio!

Abra-se uma excepção; cale-se por um momento o riso, e faça-se justiça. Não ha de ficar impunemente na sombra uma tragedia tenebrosa.

Para o próximo numero começará a «vendetta»!..

MOSQUETEIRO

E' o sapateiro José dos Pretinhos um «omelete» de tristezas e de alegrias.

Atravessa esta vida, adelgaçando sóla na casa do mano, contando bolas e cantando discursos, no café Mattos, e deitando os seus olhares «bravos como manteiga» a uma moçoila tente lá não cailhas...

N'este ultimo ponto é que o José é forte. Dizem-nos que a conversa amatoria d'elle sobe e desce a escada dos sentimentos do amor, n'um acrobatismo feticheiro: ora é perforante como uma sovela, ora cortante como uma faca, pegajosa como breu, lustrosa como graixa, escorregadia como 'a calçadoura, forte como o gado, molle como grude, ajustavel como uma forma, etc. etc.

Uma d'estas semanas estava elle inspirado, fez á amada versos e fez-lhe tambem juras de fidelidade. N'esse momento pediu-lhe... um beijo. Ella negou-o, mas... tantas vezes vac o cantaro á fonte... Cahiu... sob a condição d'elle lhe dar para uma gallinha.

Ouviu-se um chi coração e o estalido da beijo-ca.

José tira do bolso qualquer coisa que parece dinheiro embrulhado n'um papel branco.

A rapariga acceita-a agradecida. Porém passados dias apparece-lhe escamada como uma varcaja perseguida:

—«Então o sr. não me prometeu... para uma gallinha...»

—«E então, reponta José, não te dei...»

—«O sr. deu-me mas foi milho.»

Os azeiteiros que choutsiam as ruas barcelleiras, gaitando asperamente atraz de jericos amoxilados com latas cheias de azeite e vinagre, trataram mal de palavras e ainda com barulheira em latas de folha, semelhante á de cafres, a benemerita Irinã de Caridade, superiora do hospital, na occasião em que aquella senhora acompanhada de duas filhas do vereador sr. João Fernandes, cor-tava, em linha diagonal, o Campo de D. Carlos.

Já tombam sobre esta selvagem aceto, um par de semanas, mas pouco importa isso, por que no nosso espirito ainda perdura a má impressão — que nos causou o facto.

Ao sr. administrador não pedimos providencias contra este gentio revoltado, que—vindo para aqui viver á custa dos barcelenses, insultam o que elles tem de mais sympathico,—porque vozes d'a-zeiteiro não chegam sequer ao inferno...

A respeito do nosso jornalista amador, Campos Lima, que no «Sarilho» de Braga esgravou a correspondencias de Barcellos, provocantes do somno, escreve o finamente espirituoso collega do «Pimpão»:

«Um que se chama Campos Lima e que floresce em Barcellos, inaugurou gabinete de leitura, a que deu o seu nome—á falta de melhor; e, não contente com semelhante gloria, ainda por cima queria o proveito de jornaes de borla. Não nos nos faltava mais, senão estarmos a queimar as pestanas para gloria e proveito dos Campos Limas que vão por esse mundo, com escala por Barcellos!»

Ao nosso amigo Burge,—honrado barbeiro e ex-militar denodado, que juntamente comnosco atravessou imprávido, no cordão sanitario, as terras de Bouro, onde as mulheres se perdem dentro de tamanços abarcalhados, e se confundem dentro de roupa aspera como lixa,—foi pedido ha dias o favor de escrever um bilhete postal, ao que o alludido-amigo se recusou, visto as suas habilitações litterarias serem exiguas. Porém, para satisfazer o tal pedido do freguez, chamou um caixeiro d'uma loja de mercearia, do Campo da Feira, que passava n'essa occasião.

Este, depois do convidado, assentou-se e pegou doutoralmente da penna, perguntando para onde era o bilhete.

Sendo-lhe dito que era para a Povoia de Varzim, escrever.—Pórvia do Brazil.

O meu Deus, descei um raio de inspiração a este homem, para não ser um raio que o abra...

Na loja do sr. Tôca, antiga casa Vieira, entrou n'uma d'esta quinta-feiras um lavrador, envolvido n'uma roupa açaragoçada. Tinha hombros largos e pernas apipadas. O collete era curto e deixava-lhe ver o ventre bambaleante, cilhada por umas alças de cordavão.

Queriu o homem as botas lustradas, porém ao dizerem-lhe que as tirasse para tal fim, poz-se

vermelho. O sapateiro como obsequiador, sacallhas rapidamente dos alicerces humanos.

«E o que viu o artista? que os pés, sem meias estavam negros.

Zás, pespega-lhe com este dito:

—«O sr. não sabe o motivo porque tem as botas russas?»

—«Não.»

—«E' porque a graixa das botas fugiu para os pés...»

DOMINGOS RIBEIRO



E' triste! O vendaval coifa um malmequer do campo, a morte arrebatou-nos uma vida querida.

Reboadas d'andorinhas partiram deixando os seus ninhos queridos, mas a primavera sorri, e ellas ahi voltam cantando amores, pipilando ás flores!

E aquelle espirito febril, entusiasta, vendo o bem, expulsando o mal, partiu! Não voltará como as avesitas...

Não se eclipsa, no entanto, a tua memoria! Tem a duração da saudade que deixaste no peito dos teus.

Um entozinho chorará sempre por ti; as suas orações, veladas na máguia de orphão, reflectirão com a sua fé, os carinhos de mãe affavel.

Cae uma folha; o tufão leva-a nos seus braços.

Onde parará?

Assim foi a tua vida. Uma rajada de infortunio enlaçou-te nos seus tentaculos e arrojou-te ao tumulo!..

Francisco Pêgas, filho, e João Pote, filho, foram anno passado, em commissão, concertar a Abbade do Neiva, as botas ou chifas do rev.º abbad.

O concerto foi coisa simples,—umas quatro ou cinco tombas, em duas arrombadas xiparras, trabalho em que o illustre Pote revella pericia.

O serviço foi mesmo feito nas solarengas escadas de pedra, da abbadia.

O abbad foi franco em estremo; fartou-os de brôa, e inunlou-os de vinho.

O Pote moeu um bólo de tamanho d'uma rola d'un carro de mão, e o Pêgas fundiu nas elasticas entranhas quasi que uma brôa de milho de quarto, ou sejam perto de 10 arrateis de pão. Foi coisa tão alarvemente phenomenal, que o rev.º preveniu-o. que deixasse alguma para á ceia...

Quando Pégas retirava da residencia, viu sabo-rosas peras francezas n'uma attitude provocante, e pediu ao padre se consentia que elle colhesse algumas. Este disse que sim, e levando-o ao fim do passal, apontou-lhe maliciosamente uma amexceira.

Pégas sorriu-se e disse:

— «Por cima de bróa e vinho quer que eu coma ameixas d'egana cão, sr. abbade?...»

Para um Pégas, pégas e meio...

Em correspondencia d'Amarante para a «Provinci», de ante-hontem, lê-se:

«—Consoeia-se hoje o considerado cavalheiro e nosso respeitavel amigo José Falcão, de Magalhães, com a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Pinto de Souza, mãe de seus interessantes filhinhos.»

NOTAS DA QUINZENA

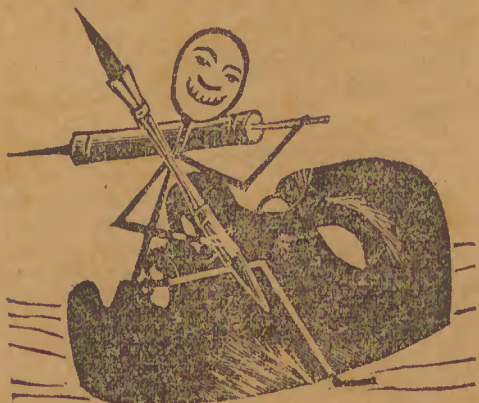
O tempo, impossivel. Por toda a parte uma laticice capaz de metter engulho aos porcos.

E' laminha por diante, é laminha por traz, retificando o fato de baixo a cima.

Nem para quebrar este tom pesado e monotonico d'inverno, se tem rido o sol, que predomina lá nos espaços astraes. Até a propria lua se tem amortalho com pesadas nuvens, prohibindo-nos, assim, de ver a sua face branca, de sebo.

Com este estado da natureza, afina o Carnaval: —serumbatico e coixo.

De cima d'este marco geodesico-carnavalino



nada d'elle temos visto reclamando lettra redonda, ou lapis do Chrysostomo.

Nem uma mascara original gargalhando de falsete, nem uma exhibição de novidades, desatando risos.

Para nos salvar d'esta rascalia soporifera, ha

lembranca de uma batalha de flores. ¿O tempo consentirá em tal? «Vederemo».

Entramos com repuehador na mão, no quarto anno de publicação d'este jornal, para seringar os factos irrisorios, que se nos depararem no correr d'elle.



Será esta uma secção carnavalesca, cheia de mascarados e desmascarados.

Diante do repueho ridente ficará tudo descomposto.

Haverá contudo—o respeito devido a Semana Santa das coisas intimas.

Na loja do barbeiro Mineiro, fallava um lavrador a respeito da horrivel catastrophe do «Elbe». Dizia elle:

—«... o mar é como a gente, quando está arrenegado faz disturbios de todo o tamanho. Se elle não estivesse arriba da terra, não tiuhamos por aqui auga. O mar não tem fundo, e está mais alto que nós, diz a Escriptura Sagrada, 7 covados».

E' engano: devem ser sete covados e uma terça...

Uma carta aboisada que nos veio á mão:

Sr. F. Como estoutro dia me disse que se acaso sa ranjase por prego rasoable a haca negra da Zefa do tomé num se me daba de ficar coela, foime lá metela a pregu e ela quer oito e um carto e eu dabale seto ela nige:ou um nízalho e beio pras oito e o Zé de jastido que tamen lá foi a mais eu partiu a lubeda a meio ficando a cousa em e.n 7 e meia. Infirmei-me e pareceme quella que é mais vaixa que a qua. Inté Domingo, carapeços, etc.»

Pergunta-se ao sr. J. A. O. M., quando chega o homem.
